

14

## Ternura maternal

I

As paredes da casa em vão procuro,  
Quero dizer adeus e não consigo...  
Vejo apenas o vulto amargo e amigo  
Da morte que me estende o manto escuro.

Choro a estirar-me, trêmulo e inseguro,  
O leito ensaia a pedra do jazigo...  
Padego, clamô e indago a sós comigo,  
Qual pássaro que tomba contra um muro.

A névoa espessa enreda o corpo langue,  
E' o terrível crepúsculo do sangue  
Que me tinge de sombra os olhos baços;

Mas surge alguém, no caos que me entontece,  
E' minha mãe, que alonga as mãos em prece,  
Doce estrela brilhando entre meus braços!...

II

Ave que torna, em chaga, ao brando ninho,  
Ouço divina música na sala,  
E' a sua voz celeste que me embala,  
Motes do lar que tornam de mansinho.

Ergo-me agora... O corpo é o pelourinho  
De que me desvencilho por beijá-la...  
— «Mãe! Minha mãe!...» — suspiro, erguendo a fala,  
A soluçar de júbilo e carinho.

— «Dorme, filho querido! Dorme e sonha!...»  
Nossa velha canção terna e risonha  
Regressa com beleza indefinida...

Tomo-lhe os braços em que me acrisolo  
E durmo novamente no seu colo  
Para acordar no berço de outra vida.

CARLOS D. FERNANDES

